

Nostalgia, identidade e mídia de moda: uma análise semiológica barthesiana do editorial
“Grunge dos Trópicos”, da *Vogue Brasil*^{1 e 2}

Nostalgia, identity and fashion media: a Barthesian semiological analysis of the editorial
“Grunge dos Trópicos,” from *Vogue Brasil*

Lígia Araújo Luiz Lustosa

RESUMO

Este artigo analisa como o editorial "Grunge dos Trópicos" (*Vogue Brasil*, nº 560) constrói imaginários nostálgicos por meio de operações semiológicas. Ancorada na semiologia barthesiana e nos estudos sobre nostalgia, identidade e modernidade líquida, a pesquisa identifica os códigos visuais responsáveis pela fabricação de memórias coletivas idealizadas e pela projeção de desejos de pertencimento a passados (re)imaginados. O estudo evidencia que o editorial de moda é dispositivo discursivo que produz identidades, reativa desejos e negocia pertencimentos culturais no presente.

Palavras-chave: nostalgia; semiologia; editorial de moda; identidade; *Vogue Brasil*.

ABSTRACT

This article analyzes how the editorial “Grunge dos Trópicos” (*Vogue Brasil*, nº. 560) constructs nostalgic imaginaries through semiological operations. Grounded in barthesian semiology and in studies on nostalgia, identity, and liquid modernity, the research identifies the visual codes responsible for the fabrication of idealized collective memories and the projection of desires for belonging to (re)imagined pasts. The study demonstrates that the fashion editorial functions as a discursive device that produces identities, reactivates desires, and negotiates cultural belonging in the present.

Keywords: nostalgia; semiology; fashion editorial; identity; *Vogue Brasil*.

1 INTRODUÇÃO

Para Barnard (2003), a moda pós-moderna se caracteriza pela recombinação de estilos de diferentes épocas sem hierarquia temporal, fazendo coexistir passado e presente num campo de referências simultâneas. Nesse cenário, a moda e a mídia consolidaram-se como principais agentes de revivalismos estéticos. E a nostalgia emerge como resposta a um colapso de expectativa em relação ao presente.

¹ Trabalho orientado pela Prof.^a Dr.^a Janaina Nunes.

² Uma versão preliminar e reduzida deste trabalho foi publicada sob o formato de resumo expandido nos Anais do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste (Intercom Regional), realizado em Brasília/DF entre 20 e 22 de maio de 2026. O presente artigo consiste no desenvolvimento completo, aprofundamento teórico e consolidação analítica da referida pesquisa.

Nesse contexto, os editoriais de moda surgem como dispositivos de construção de imaginários nostálgicos. Ao mobilizar códigos visuais específicos, fabricam narrativas que articulam memória coletiva e desejo contemporâneo. Um exemplo recente é o editorial "Grunge dos Trópicos", publicado pela *Vogue Brasil* (nº 560, setembro de 2025), que propõe revisitar a estética *grunge* em contexto contemporâneo, com referências de brasilidade.

Figura 01 – Editorial Grunge dos Trópicos, *Vogue Brasil*, edição número 560, setembro de 2025



Fonte: Scribd (2026).

O presente trabalho³ tem como objetivo analisar como este editorial constrói um imaginário nostálgico por meio de operações semiológicas. Tais operações fabricam memórias coletivas idealizadas e projetam desejos de pertencimento a passados (re)imaginados. A pesquisa busca: através da semiologia barthesiana, identificar os códigos semióticos pelos quais o editorial constrói o imaginário nostálgico *grunge*; analisar, a partir de Boym e Davis, como essa construção articula memória coletiva e desejo contemporâneo; e, através de Hall e Bauman, compreender quais valores, identidades e pertencimentos são propostos.

³ No presente trabalho houve o uso da ferramenta de inteligência artificial Claude, utilizada exclusivamente como apoio na revisão linguística, ortográfica e aprimoramento de clareza textual. A ferramenta foi aplicada apenas sobre o texto previamente redigido pela autora, sem qualquer interferência na formulação de hipóteses, análise de dados ou conclusões, mantendo-se a autoria humana integral e a responsabilidade pelo conteúdo final, em conformidade com o Art. 9º da Portaria CNPq nº 2.664/2026.

Para buscar responder às questões da presente pesquisa, o desenvolvimento teórico articula-se em quatro blocos. Primeiro, situamos a origem do *grunge*, realizando uma análise descritiva de sua estética e traçando sua trajetória do subcultural ao massivo, contextualizando assim o editorial analisado. Em seguida, exploramos os conceitos de nostalgia, memória e imaginário, os quais são fundamentais para compreender como o editorial pode construir narrativas visuais ancoradas no passado. No terceiro bloco teórico, mobilizamos os conceitos de identidade e modernidade líquida para problematizar os valores e pertencimentos propostos pela estética *grunge*, e identificando como a moda opera dentro desse contexto. Por fim, exploramos a semiologia barthesiana como instrumento metodológico para decodificar os signos visuais mobilizados pelo editorial, assim procedendo à análise semiológica das imagens e síntese interpretativa.

Em um cenário de aceleração cultural e saturação imagética, o revivalismo estético emerge como sintoma de um tempo que recorre ao passado para dar sentido ao presente. De abordagem qualitativa e caráter analítico-interpretativo, este trabalho adota a semiologia barthesiana como método central de análise, sustentado por pesquisa bibliográfica sobre nostalgia, identidade, semiologia da imagem e moda. Como estratégia de organização e sistematização do objeto de estudo, foram elaboradas tabelas de análise, utilizadas como instrumentos de apoio à leitura e à interpretação dos dados. As mesmas se encontram apresentadas no apêndice, ao final do trabalho.

2 ORIGEM ESTÉTICA DO GRUNGE: DO SUBCULTURAL AO MASSIVO

De acordo com Figueredo (2025), o movimento subcultural *grunge* emergiu das tensões e ansiedades da juventude das décadas de 1980 e 1990, particularmente em Seattle, e nasceu como uma resposta ao desencantamento da Geração X. Uma geração marcada pela apatia, melancolia e resistência ao consumismo frente às mudanças sociais do fim do século XX.

Deliberadamente, o *grunge* rejeitava o *glamour* excessivo dos anos 1980, com seus ternos *power*, acessórios chamativos e o consumismo *yuppie* que simbolizavam sucesso material e conformidade social, optando então por uma estética que abraçava a autenticidade crua e a vulnerabilidade cotidiana, transformando-a em uma forma de resistência ideológica. O vestuário *grunge* caracterizava-se por elementos visuais específicos, que reforçavam uma aparência "suja" e despojada, alinhada ao ideal anti-consumista e à rejeição de padrões de elegância convencional (Pires; Moreira, 2018). Nesse cenário, Figueredo (2025, p. 131) apresenta o *grunge* como um "guarda-roupa ideológico", expressão de uma "estética da ansiedade" que corporifica as aflições juvenis daquele período.

A paleta de cores era predominantemente neutra e terrosa — cinzas, marrons, verdes e vermelhos desbotados —, evidenciando uma rebeldia cotidiana, transformando o vestir em ato de contestação coletiva contra a superficialidade consumista. Destacavam-se camisas de flanela xadrez em camadas descoordenadas sobre camisetas de bandas, jeans rasgados e folgados, roupas de segunda mão (como moletons desgastados, tecidos envelhecidos e casacos de lã), botas de combate pesadas, gorros de lã e um cabelo desgrenhado ou bagunçado intencionalmente. Esses códigos visuais não eram aleatórios: simbolizavam autenticidade subcultural e negligência deliberada, priorizando o conforto prático e a individualidade sobre a ostentação (Figueredo, 2025).

Essa construção visual, inspirada no *punk* dos anos 1970 e liderada por bandas como Nirvana, Pearl Jam e Soundgarden, não era antimoda, mas uma negação a ela. O desleixo foi transformado em tendência global a partir de 1991, com o sucesso do álbum *Nevermind* do Nirvana (Figueredo, 2025). O *grunge*, antes uma estética própria de uma subcultura, passa então a habitar o imaginário da cultura de massa.

Figura 02 – Compilado de imagens da estética *grunge*



Fonte: Autora (2026)

O compilado visual acima reúne fotografias de integrantes das bandas citadas previamente e de seus fãs, expondo a linguagem visual da subcultura em questão, anteriormente à sua massificação. Ao reunir tanto bandas, quanto base de fãs, o compilado revela como a estética *grunge* operava enquanto linguagem compartilhada. Assim, essas imagens funcionam como evidência visual de que o *grunge* não era antimoda arbitrária, mas um sistema de significados que transformava a negligência em contestação coletiva. Revelam, portanto, como a estética operava antes da apropriação pela indústria da moda.

Contudo, a massificação foi inevitável. Figueredo (2025) demonstra como a indústria da moda apropriou-se do *grunge* através de processos de codificação gradual, transformando seus significados ideológicos originais. A coleção de Marc Jacobs para Perry Ellis (1992) marcou um ponto de inflexão: estetizou o *grunge* e o inseriu no luxo, esvaziando seu caráter anti-consumista. Numa observação preliminar percebe-se o mesmo movimento de estetização e esvaziamento da proposta original do estilo nas imagens que compõem o editorial "Grunge dos Trópicos", objeto da presente pesquisa, publicado em setembro de 2025 na revista *Vogue Brasil* nº 560.

Figura 03 – Compilado de imagens do editorial “Grunge dos Trópicos”



Fonte: Autora (2026)

Fotografado por Nicole Heiniger em São Paulo, nas imediações da rua Líbero Badaró, e com edição de moda assinada por Zazá Pecego, o ensaio visa explorar a hibridização do *grunge* com elementos tropicais. O editorial é composto por 15 imagens que apresentam

modelos vestindo peças que remetem à identidade subcultural do *grunge*, criando uma narrativa visual que projeta uma nostalgia voltada aos anos 90.

3 NOSTALGIA, MEMÓRIA E IMAGINÁRIO

A nostalgia, antes de se tornar um fenômeno cultural, nasceu como diagnóstico médico. O termo foi cunhado no século XVII pelo médico suíço Johannes Hofer para descrever o sofrimento causado pelo desejo de retornar ao lar — uma condição clínica associada ao exílio e ao deslocamento físico. Ao longo dos séculos o conceito migrou do campo da medicina para o da cultura, ampliando-se para designar não apenas uma saudade de determinado lugar, mas uma relação complexa com o tempo.

É nessa direção que Boym (2001) propõe uma leitura da nostalgia como fenômeno coletivo e histórico: um anseio não por um lugar, mas por um tempo diferente. Uma rebelião contra a ideia moderna de tempo e progresso, em que o nostálgico deseja transformar a história em mitologia privada ou coletiva, recusando-se a se render à irreversibilidade do tempo.

Boym (2001) distingue ainda dois modos fundamentais de operação nostálgica: a nostalgia restauradora, que busca reconstituir o passado perdido como se esse pudesse ser literalmente recuperado, e a nostalgia reflexiva, que habita o próprio anseio com consciência da irrecuperabilidade do passado. Essa tensão entre recuperação e consciência da perda é confirmada por Davis (1979) e Batcho (2013), para quem a nostalgia é, fundamentalmente, uma experiência do presente disfarçada de passado.

Essa oposição — entre o desejo de retorno e a impossibilidade de concretizá-lo — é o que torna a nostalgia um mecanismo tão potente na produção de imaginários: não uma memória fiel, mas uma construção afetiva que reconfigura o passado à luz dos desejos do presente.

Se para Boym (2001, p. xii), a nostalgia é um “anseio pelo lar que não existe mais ou nunca existiu”, Halbwachs (1990, p. 71) demonstra o mecanismo sociológico dessa operação: “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente”. Os editoriais de moda operam precisamente nessa zona — não recuperam um momento da história, mas o fabricam retrospectivamente a partir do imaginário coletivo contemporâneo. A nostalgia opera sempre sobre um arquivo incompleto e subjetivamente editado (Davis, 1979).

Para Boym (2001), nostalgia e progresso não são opostos, mas “alter egos”, condições coexistentes da modernidade: “a nostalgia não é meramente uma expressão de anseio local,

mas o resultado de uma nova compreensão de tempo e espaço que tornou possível a divisão entre 'local' e 'universal'" (Boym, 2001, p. xvi, tradução nossa). Bauman, em *Retrotopia* (2017), radicaliza esse diagnóstico ao descrever o momento em que passado e futuro trocam de posição no imaginário coletivo: o futuro, antes território do desejo e da promessa, passa a ser vivido como ameaça, ao passo que o passado assume o lugar de crédito afetivo e simbólico. Nas suas palavras, "agora é a vez de o passado ser posto na coluna dos créditos — um crédito merecido (genuína ou putativamente), por ele ainda ser um local de livre escolha e um investimento em esperanças até agora não descreditadas" (p. 8). O que os dois autores identificam, em registros distintos mas convergentes, é que a nostalgia não é regressão sentimental, é uma forma de habitar o tempo quando o futuro deixa de ser habitável.

O esvaziamento da utopia de futuro é, para ambos, o solo histórico que torna a nostalgia não apenas possível, mas necessária. É precisamente nesse solo, de um presente sem horizonte, que o revivalismo estético encontra seu combustível mais profundo: ao convocar o passado como imagem de autenticidade, ele responde a um colapso de expectativa que tanto Boym quanto Bauman situam como condição estrutural da contemporaneidade.

É nesse cenário que a mídia encontra condições ideais para se apropriar da nostalgia como um recurso afetivo e comercial. Davis (1979) já identificava, décadas antes da era digital, o mecanismo central dessa operação:

Uma parte muito maior do que pensamos, sentimos e acreditamos — nossas imagens mais íntimas do mundo ao nosso redor — origina-se na mídia e é, além disso, processada e definida por ela. Não apenas ela seleciona o conteúdo do que nos é comunicado, como também fixa a maneira pela qual ele nos é apresentado (p. 127).

Niemeyer (2014), aprofunda esse diagnóstico ao demonstrar que a prática midiática — da televisão às plataformas digitais — torna diferentes experiências temporais possíveis, sendo a nostalgia uma delas: a mídia não apenas reflete o sentimento nostálgico, mas o encoraja e, paradoxalmente, pode ser vista também como sua cura.

A nostalgia midiática não evoca a realidade de uma época, mas a encena. É o que Davis (1979), já antevia ao afirmar que:

Ao oferecer as personalidades, os enredos e os estilos de cinco, dez e vinte e cinco anos atrás para alimentar nosso devaneio nostálgico, a mídia não apenas reúne muitos milhões de nós em mente e no tempo, mas também molda para nós a cor e o contorno de grande parte de nossa cultura intersubjetiva (p. 132).

Se a nostalgia é o mecanismo afetivo pelo qual o passado é desejado, a identidade é o terreno subjetivo sobre o qual esse desejo opera. Para compreender por que o revivalismo estético mobiliza pertencimentos e identificações, é necessário partir da compreensão de que a identidade não é uma essência fixa — mas um processo contínuo de construção simbólica.

4 IDENTIDADE, MODERNIDADE LÍQUIDA E MODA

Na pós-modernidade, a moda passou a operar por meio de práticas como o pastiche e a bricolagem, re combinando estilos provenientes de diferentes períodos históricos sem obedecer a hierarquias temporais (Barnard, 2003). Nesse contexto, o vestuário passou a desempenhar um papel central, comunicando não apenas identidades e pertencimentos sociais, mas participando ativamente de suas construções (Crane, 2006).

É nesse ponto que a moda se apresenta como um objeto analítico privilegiado. Situada no limiar entre a solidez desejada e a fluidez inevitável, ela oferece formas de identidade que podem ser assumidas e abandonadas com relativa rapidez, sem exigir permanência — característica particularmente adequada a uma condição social que já não carrega o peso das antigas estruturas sólidas.

No contexto da globalização, essa dinâmica se intensifica. As identidades tornam-se cada vez menos vinculadas a tempos, lugares ou tradições específicas, parecendo “flutuar livremente” (Hall, 2019, p. 43). Diante dessa instabilidade, o passado passa a funcionar como um importante recurso simbólico. Ao recorrer a referências estéticas históricas, o sujeito contemporâneo busca produzir uma sensação provisória de pertencimento, continuidade e coerência identitária em um mundo marcado pela descontinuidade.

Nas últimas décadas, a identidade tornou-se um dos temas centrais das ciências humanas, especialmente em razão da crescente instabilidade das formas de pertencimento social e cultural gerados pela globalização (Hall, 2019). Ainda nesse contexto, o autor destaca que a identidade não deve prosseguir sendo compreendida como uma essência fixa, mas como um processo histórico e discursivo em constante transformação. Para explicitar essa mudança, o autor propõe distinguir três concepções principais de sujeito: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo era concebido como dotado de uma razão interior contínua e idêntica a si mesma ao longo da existência. Como observa Bauman (2021b), esse modelo de sujeito estava intimamente ligado a um contexto social em que as posições e os pertencimentos eram percebidos como relativamente estáveis e previsíveis. Com a crescente complexidade social da modernidade, essa concepção passa a ser tensionada pelo surgimento

do sujeito sociológico. Nessa perspectiva, a essência do indivíduo deixa de ser entendida como autossuficiente e passa a ser concebida como construída através das relações sociais (Hall, 2019). No entanto, essa estabilidade dependia da existência de instituições sólidas — como Estado, comunidade, trabalho e tradição — capazes de oferecer referenciais duradouros de pertencimento (Bauman, 2021b).

Esse projeto de estabilização entra em crise na modernidade tardia. O sujeito pós-moderno, conforme descreve Hall (2019), já não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente de acordo com as formas pelas quais são representadas nos sistemas culturais que as cercam. Dentro de cada indivíduo coexistem identidades múltiplas que emergem em diferentes contextos e momentos de vida, de modo que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (Hall, 2019, p. 12). Bauman (2021a) converge com esse diagnóstico ao afirmar que, na contemporaneidade, a identidade deixa de ser algo simplesmente herdado e passa a constituir uma tarefa permanente.

Se Hall descreve a fragmentação das identidades sobretudo no plano cultural, Bauman busca compreender suas bases estruturais. Para o autor, a identidade contemporânea caracteriza-se por uma condição paradoxal: ela precisa ser continuamente construída, mas nunca pode ser plenamente estabilizada. Quando as âncoras sociais que faziam a identidade parecer natural, predeterminada e inegociável se dissolvem, o pertencimento deixa de ser um fato e passa a ser uma conquista permanentemente ameaçada (Bauman, 2021a).

Essa transformação é aprofundada por Bauman (2021b) ao conceituar a modernidade líquida. Como o autor afirma, “Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa” (p. 8). Enquanto os sólidos mantêm a mesma forma ao longo do tempo, os líquidos não conservam forma alguma, mas se adequam à forma em que são inseridos. Uma identidade sólida não sofreria mutações à depender do tempo, já a líquida se molda de acordo com as novas formas advindas desse novo tempo.

Desde seu surgimento, a modernidade operou por meio do derretimento de estruturas consideradas rígidas — tradições, obrigações comunitárias e instituições que vinculavam os indivíduos a posições sociais relativamente estáveis. O que distingue a fase contemporânea é que esse processo de dissolução já não é acompanhado pela construção de novas estruturas duradouras.

Nesse cenário, os poderes que promovem a formação das estruturas sociais deslocam-se das instituições para o cotidiano, tornando a modernidade uma experiência cada vez mais individualizada. A responsabilidade pela construção da identidade recai, assim,

sobre o próprio indivíduo. Como observa Bauman (2021a), a modernidade substitui a determinação de identidade baseada em posição social por uma autodeterminação compulsiva: construir uma identidade deixa de ser uma escolha e passa a ser uma exigência permanente. O resultado desse processo, contudo, nunca é plenamente concluído.

As identidades, nesse contexto, “parecem fixas e sólidas apenas quando vistas de relance, de fora” (Bauman, 2021b, p. 107). Observadas a partir da experiência vivida, revelam-se frágeis e constantemente tensionadas por forças que expõem sua fluidez. O autor identifica nesse movimento uma tendência característica da modernidade líquida: diante da incerteza do presente e da opacidade do futuro, o indivíduo volta-se para o passado em busca de pertencimento e sentido. A nostalgia, nesse contexto, não deve ser compreendida simplesmente como regressão, mas como uma estratégia simbólica de estabilização identitária.

As roupas, nesse sentido, podem funcionar como artefatos capazes de ativar identidades latentes, permitindo que o indivíduo expresse dimensões de si que, de outra forma, permaneceriam difusas (Crane, 2006). Esse potencial simbólico, entretanto, não é estável. Quando elementos originalmente associados a subculturas específicas são absorvidos pela moda de massa, seus significados tendem a se diluir. Como observa Svendsen (2010), quanto maior a difusão de determinado símbolo estético, menor tende a ser a estabilidade de seu significado original. É precisamente essa tensão entre identidade, memória cultural e circulação de signos que orienta a análise semiológica do editorial proposta neste trabalho.

5 SEMIOLOGIA E IMAGEM DE MODA

Compreender como o editorial de moda constrói imaginários nostálgicos exige um método capaz de revelar as operações de sentido inscritas na imagem. A semiologia barthesiana oferece esse instrumento analítico ao demonstrar que a imagem não é apenas representação, é produção de sentido estruturada a partir de códigos culturais que foram reproduzidos recorrentemente.

Barthes (2009a) distingue, na análise da imagem, dois níveis fundamentais: a denotação, sendo o conteúdo literal e descritivo, o que se vê; e a conotação, sendo o sistema de valores, mitos e ideologias que a imagem mobiliza para além do visível. É no nível conotativo que a nostalgia opera. Não são apenas roupas dos anos 1990 que aparecem no editorial. São signos carregados de memória coletiva, desejo e pertencimento subcultural.

Svendsen (2010) observa ainda que, embora não haja vínculo necessário entre o signo e seu significado, essa arbitrariedade é regulada por códigos culturais compartilhados que

associa o significante e o significado, o que permite ao editorial comunicar "*grunge*" sem precisar nomeá-lo. Contudo, quando peças que possuem significado subcultural são absorvidas pela mídia de massa, esse significado se fragiliza. Essa instabilidade é o que torna a análise semiológica barthesiana necessária: ao ser absorvida pela mídia de moda de massa, a estética *grunge* não é simplesmente reproduzida, é ressignificada. O vestuário, nesse sentido, é um vasto reservatório de significados passíveis de serem manipulados e reconstruídos infindavelmente (Crane, 2006).

Compreende-se que, se toda construção nostálgica é uma escolha sobre como nos relacionamos com o passado, a análise semiológica do editorial "Grunge dos Trópicos" busca rastrear qual tipo de relação nostálgica sua comunicação visual busca instaurar. Os elementos visuais identificados não são meramente decorativos, mas sinais de uma operação que revela se o editorial induz o espectador a habitar reflexivamente a nostalgia ou a ser capturado por sua pretensão de autenticidade. É nessa leitura semiológica barthesiana que é possível compreender como a mídia de moda não apenas mobiliza desejos nostálgicos, mas fabrica as condições para que determinadas relações com o passado pareçam verdadeiras.

6 ANÁLISE SEMIOLÓGICA DE IMAGENS SEGUNDO ROLAND BARTHES: PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E ANÁLISE SEMIOLÓGICA DOS GRUPOS DE IMAGENS

Para Barthes (2009a), a imagem não é transparência, mas instituição social dotada de significação múltipla, pois um sistema de signos não é um simples instrumento de comunicação: ele é uma instituição. Como explica o autor, na conotação, o sentido da denotação transforma-se em simples forma, e recebe uma nova significação, permitindo que a nostalgia, neste contexto, não seja sentimento pessoal, mas operação conotativa que mobiliza memória coletiva e desejo contemporâneo através de códigos visuais específicos.

Em *Mitologias*, Barthes demonstra que o mito funciona como naturalização do histórico, pois o mito é uma linguagem — sua propriedade não é ser simbólica, é ser ideológica (Barthes, 2009b). A moda, como produtora de mitos, apropria-se de subculturas, as esvaziando de seus significados originais para preenchê-las com novos valores ideológicos. O *grunge*, originalmente signo de recusa ao consumismo e desencantamento geracional, quando absorvido pela mídia de massa, torna-se um signo desejável de identidade, revelando a “mistificação que transforma a cultura pequeno-burguesa em natureza universal” (Barthes, 2009b, p. 6).

O procedimento de análise do editorial "Grunge dos Trópicos" estrutura-se em três etapas sequenciais. Primeiramente, estabelece-se um referencial histórico mediante análise de fontes da época, como fotografias de bandas e fãs do movimento *grunge* (figura 02), para identificar o que se vestia nesse contexto específico. A partir desse referencial, realiza-se a classificação das imagens do editorial em três grupos conforme seu grau de fidelidade à temática: fidelidade histórica, fidelidade intermediária e deliberado afastamento. Em seguida, realiza-se descrição denotativa grupal, mapeando sistematicamente o que se vê em cada grupo: composição visual, peças identificáveis e variantes visuais específicas (forma, substância, cor, posição).

Esta leitura evita interpretações prematuras, ancorando-se apenas em elementos concretos, conforme Barthes orienta que o primeiro gesto do mitólogo é ler o mito como um sistema semiológico (Barthes, 2009b). Para cada variante identificada, questiona-se que significados culturais ela evoca e que nostalgia mobiliza. Um jeans rasgado, por exemplo, não é meramente tecido danificado, mas signo de autenticidade subcultural que evoca rejeição ao consumismo. A paleta cromática dessaturada conota distância temporal, "passado", enquanto cores vibrantes significam "presente", ilustrando como a denotação é o sentido que desaparece, o significado que se esvazia (Barthes, 2009a).

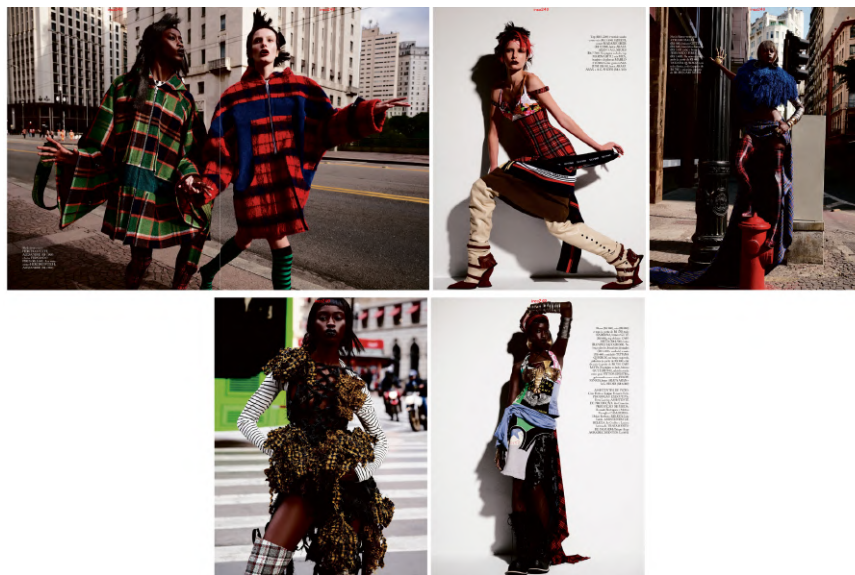
Na segunda etapa, reconhece-se o código retórico do editorial — como os sistemas de signos se organizam para produzir determinado sentido —, alinhando-se à análise barthesiana de que a roupa não é uma simples justaposição de significantes, mas um sistema, isto é, uma estrutura onde cada elemento tem uma função em relação ao todo (Barthes, 2009a). Identificam-se também operações semiológicas de naturalização mitológica: esvaziamento e preenchimento de significado, tautologia nostálgica (o signo justifica-se por si mesmo), quantificação da qualidade (transformação de postura ideológica em medidas controláveis) e identificação (produção de pertencimento ilusório), pois o mitólogo é aquele que sabe que o mito não é linguagem natural, mas ideologia. Sua tarefa consiste em destituir o mito, em revelar que aquilo que parece eterno é histórico (Barthes, 2009b).

Finalmente, sintetiza-se como operações semiológicas específicas articulam memória coletiva e desejo contemporâneo, identificando quais códigos foram mobilizados, que valores e identidades são propostos, e qual estatuto de nostalgia o editorial constrói.

Este método garante rigor analítico, ancorando afirmações em elementos visuais identificáveis, funcionando como prática crítica que revela como a mídia naturaliza construções e apropriações subculturais.

Para realização dessa divisão foi utilizado o referencial histórico já apresentado na seção “Origem estética do *grunge*: do subcultural ao massivo” e comparado à figura 02, situada na mesma seção.

Figura 04 – Grupo 01, fidelidade histórica



Fonte: Autora (2026)

A análise semiológica do Grupo 01 - Fidelidade Histórica (figura 04, apêndices A, B e C) revela um sistema imagético que representa o *grunge* através de uma ótica contemporânea. A composição visual articula-se predominantemente pelo enquadramento em plano geral, ângulos em contra-plongée e iluminação natural reforçada por lateral artificial, que cria sombras bem marcadas e enfatiza um visual imponente.

O vestuário emerge como elemento dominante dentro do plano denotativo. O xadrez tartan circula por todas as cinco imagens de forma assertiva, sendo associado a sobreposições inusitadas características do *grunge* original — *corsets* sob *tops* e golas funcionando como peças superiores completas. Saias e botas longas substituem calças, casacos oversized são contrapostos a silhuetas ajustadas gerando dramaticidade através de um jogo de proporções que privilegia o tronco. Os materiais oscilam entre texturas densas e opacas, e algumas peças possuem um brilho similar ao de malhas cirré. A paleta cromática é saturada e policromática, apresentando vermelhos, azuis e pretos em alto contraste. Acessórios elaborados em ouro e prata envelhecida completam a composição. O valor agregado das peças soma aproximadamente R\$ 63 mil.

Adentrando o plano conotativo, os cabelos aludem a moicanos com mechas coloridas, mas revelam rigidez extrema — visto que são controlados por produtos para manter a forma original — contrastando radicalmente com a liberdade e o desapego estético *grunge*. A maquiagem, polida e delineada, afasta-se do referencial original. As expressões faciais transmitem desafio e poder, abandonando a apatia histórica que caracterizava o movimento.

O sistema de signos funciona de forma integrada. Quando isoladas, as peças perdem sua capacidade representativa, e combinadas intencionalmente elas conseguem fabricar uma narrativa coerente. O esvaziamento ideológico já se evidencia nesse grupo: o desleixo torna-se ousadia, o descaso sofisticação subcultural, a autenticidade sustenta-se por marcas de moda, a rebeldia é substituída pelos preços exorbitantes. O pertencimento exige, primordialmente, poder financeiro.

A apresentação visual dispensa argumentação verbal, justificando-se apenas pela tautologia que a sustenta. A nostalgia presente é reflexiva, iniciando um processo de reinvenção do *grunge* sob novas máscaras que remodelam sua significação de acordo com valores da contemporaneidade, articulando a desilusão *grunge* à desilusão contemporânea. O grupo executa o trabalho ideológico de transformar um movimento anticonsumista em objeto de consumo luxuoso, oferecendo apenas uma imagem rebelde esvaziada de significados.

Figura 05 – Grupo 02, fidelidade intermediária



Fonte: Autora (2026)

A análise semiológica do Grupo 02 - Fidelidade Intermediária (figura 05, apêndices D, E e F) revela um sistema imagético que dinamiza a estética *grunge* através de poses de ação. A composição privilegia o enquadramento em plano americano e angulação contra-plongée, enfatizando tanto o contexto urbano quanto o movimento. Sob luz natural reforçada por lateral artificial, constrói-se uma atmosfera que resgata a nostalgia dos anos 1990 sem fidelidade histórica.

Em nível denotativo, o xadrez tartan — presente em todas as imagens — alinha-se a volumes desconstrutivistas e saias amplas com recortes estratégicos, transmitindo poder e força em desvio radical da apatia e melancolia originais. Os materiais, mais leves que no grupo 01, mantêm aspecto estruturado, estabelecendo contraste entre rigidez e movimento que reforça dinamismo. A paleta dessaturada — beges, amarelos e marrons — funciona como estratégia para invocar o período e garantir semelhança estrutural mínima. Os cabelos curtos e rigidamente alinhados, aliados a maquiagem que enfatiza os olhos (lábios marcados e escuros permanecem como ponto focal), constroem um rosto que comunica desafio e força. O valor agregado das peças soma aproximadamente R\$ 29 mil.

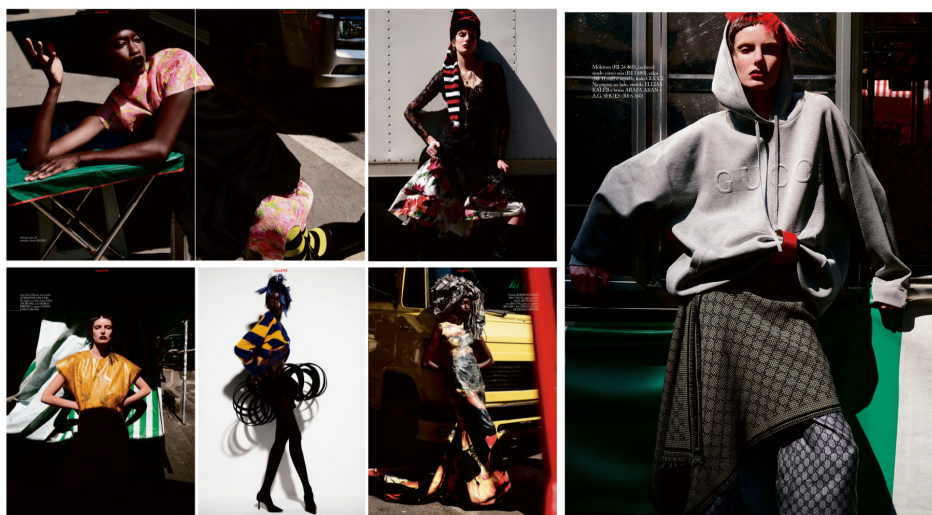
Na leitura conotativa, o sistema articula autenticidade, dinamismo e desafio, mas desloca o significado original do *grunge*: a rejeição ao consumo e aos padrões convencionais transmuta-se em signo de poder e experimentação, liberta de qualquer "amarra" que os ideais *grunges* originais pudessem impor. A sobreposição de peças — calcinha como gola, gola como cinto — funciona como experimentação deliberada e ressignificação que questiona a lógica convencional do vestir. Os acessórios, menos presentes que no grupo 01, reforçam certa contenção estética.

O que emerge é, novamente, uma nostalgia reflexiva. Aquela que reconhece a impossibilidade de retorno fiel ao passado e, a partir dessa consciência, reinventa novas roupagens inspiradas naquele tempo. A inclusão de uma peça que remete a sementes revela a injeção de elementos locais que deslocam a autenticidade *grunge* para uma apropriação tropical.

Ao abraçar a impossibilidade de retorno ao passado como oportunidade de recriação, o editorial fabrica instantaneamente um novo produto que simula familiaridade. A nostalgia reflexiva converte-se em estratégia de oferecer "inovação", ainda que desprovida de autêntico caráter inovador. A ideologia original está mais esvaziada que no primeiro grupo, preenchida agora por uma narrativa contemporânea de autenticidade experimental dirigida àqueles com capital financeiro suficiente. O grupo 02 projeta um imaginário onde a rebeldia é aspiração —

e inspiração — estética. O desejo e a memória dançam no limiar entre restauração e reinvenção.

Figura 06 – Grupo 03, deliberado afastamento



Fonte: Autora (2026)

Adentramos agora o terceiro grupo de imagens Grupo 03- deliberado afastamento (figura 06, apêndices G, H e I), que se destaca por um maior distanciamento dos valores fundamentais do *grunge*, operando através de uma reinterpretação que inverte radicalmente seus significados originais. A composição apresenta enquadramento equilibrado em plano geral e americano, iluminação natural reforçada artificialmente, e fundo urbano fechado (com exceção de uma fotografia em estúdio).

As modelos interagem naturalmente com o ambiente, debruçando-se sobre objetos ou apoiando o corpo sobre eles. Na dimensão denotativa, observa-se peças que recorrem a estampas florais, detalhe ausente nos grupos anteriores, e texturas em moletom e tricot, eliminando completamente o xadrez tartan que marca os demais grupos. Essa ruptura é radical e intencional, negando a referência *grunge*. Com valor agregado de R\$ 97 mil, o grupo apresenta marcas de altíssimo luxo, como Prada, Dolce & Gabbana e Gucci, transformando a rebeldia subcultural em símbolo de consumo exclusivo.

As silhuetas adquirem aspecto mais clássico e menos experimental, com proporções que remetem à alta moda. A maquiagem polida, marcada nos lábios e sem sobrancelhas, comunica desinteresse e distanciamento. Conotativamente, articula-se conformidade através de uma releitura visual que esvazia o significado original para preenchê-lo com seu oposto: a

autenticidade desloca-se para o consumo de alta moda, e a inacessibilidade torna a moda simultaneamente desejável e exclusiva.

As peças funcionam como sistema integrado e quando isoladas perdem qualquer referência ao *grunge*. No grupo 03, o arranjo de tais peças cria apenas uma versão minimalista e forçada. O luxo domina hierarquicamente todos os signos, naturalizando a substituição do subcultural pela exclusividade elitista.

É compreensível presumir que, a partir dos grupos anteriores, encontraremos uma nostalgia reflexiva nesse último. Mas, nesse caso, ela desaparece completamente. O distanciamento é tão escancarado que a estética pluralista impede uma associação direta ao movimento. O terceiro grupo confessa não apenas a irrecuperabilidade do passado, mas sua inexistência simbólica.

Ideologicamente, a rebeldia, o desleixo e a rejeição à elegância convencional são apagados. Invisibilizando, simultaneamente, a angústia existencial, a apatia e a melancolia que caracterizavam a juventude *grunge*. O pertencimento oferecido é apenas estético e aspiracional à elite, visto que exige recursos financeiros altíssimos, inserção em círculos de luxo, e performance de desinteresse.

Assim, o trabalho ideológico do grupo 03 é o de silenciar valores *grunge* sob uma aparência subcultural, articulando não a memória coletiva, mas falhas de memória ligadas ao desejo contemporâneo por luxo.

7 ANÁLISE COMPARATIVA DOS GRUPOS

Os três grupos, categorizados mediante proximidade ou afastamento de fidelidade histórica, executam uma operação de esvaziamento semântico do *grunge*. Cada um fabrica uma narrativa distinta sobre autenticidade e rebeldia, todas monetizáveis (apêndice J). O editorial trabalha ideologicamente através de graus de proximidade com o *grunge* original e com a nostalgia reflexiva — não foram encontrados aspectos de nostalgia restauradora. O grupo 01 reconhece a impossibilidade de retorno e reinventa discretamente o período. O grupo 02 experimenta essa reinvenção ativamente, inserindo elementos locais e reforçando que o *grunge* do editorial não é o dos anos 90. O grupo 03 nega a necessidade de referência, silenciando completamente a resistência subcultural e a substituindo pelo luxo. O trabalho ideológico central é transformar a rebeldia e a rejeição ao consumo em objeto de consumo de luxo.

Tabela 01 - Comparativo entre grupos

Parâmetro	Grupo 01	Grupo 02	Grupo 03
Postura perante o grunge	Confessa reinvenção; reconhece impossibilidade de retorno	Ressignifica sob chave experimental; injeta tropicalidade	Nega completamente; silencia referência
Cor	Saturada, policromática (vermelho, azul, preto)	Dessaturada (bege, amarelo, marrom)	Minimalista com estampas florais
Signos que se destacam	Xadrez tartan	Xadrez + elementos tropicais (semelhantes a sementes)	Ausência de tartan; marcas de alto luxo
Valor total das peças	R\$ 63 mil	R\$ 29 mil	R\$ 97 mil - fora valores referentes às peças Prada
Tipo de marca utilizada (peças)	Luxo	Luxo	Altíssimo luxo
Composição visual	Plano geral; ênfase tronco; dramaticidade	Plano americano; ação; dinamismo	Plano geral equilibrado; interação com ambiente
Experimentações com o vestir	Similar às características do <i>grunge</i> original	Mais ousada que o <i>grunge</i> original	Contida; aproxima-se de silhuetas mais clássicas
Acessórios	Elaborados	Menor presença de acessórios quando comparado ao grupo 01	Mínimos
Narrativa de autenticidade	Ser autêntica é usar grandes marcas	Experimentação de luxo é ser autêntico	Autenticidade é consumo de alto luxo
Ideologia construída	Você pode comprar seu pertencimento à subculturas	Rebeldia é experimentação	Se há luxo, não precisa ser subcultural
O que é ofertado	Imagem rebelde sem conteúdo histórico	Desafio estético e memória adaptada	Desinteresse performático; puro luxo

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Essa divisão em grupos — categorizada mediante critérios metodológicos apresentados acima e independente da ordem de publicação — pode manipular o resultado analítico. Porém, ao reanalisarmos as imagens em ordem cronológica de publicação (apêndice K), emerge um padrão que desmente qualquer aleatoriedade.

Figura 07 – Primeiras cinco imagens do editorial



Fonte: Autora (2026)

As primeiras cinco imagens (páginas 115 a 119 da revista) apresentam 20% de fidelidade histórica, 40% de fidelidade intermediária e 40% de deliberado afastamento, com peças somando R\$ 33 mil.

Figura 08– Cinco imagens intermediárias do editorial



Fonte: Autora (2026)

As próximas cinco (páginas 120 a 125) correspondem a 40% de fidelidade histórica, 20% de fidelidade intermediária e 40% de deliberado afastamento, totalizando R\$ 66 mil.

Figura 09 – Últimas cinco imagens do editorial



Fonte: Autora (2026)

As últimas cinco (páginas 126 a 131) concentram 20% de fidelidade histórica, 20% de fidelidade intermediária e 60% de deliberado afastamento, com R\$ 89 mil (excluindo itens Prada sem valores sinalizados).

Tabela 02 - Brevíssima análise semiológica por ordem de publicação

Parâmetro	Primeiras cinco imagens	Cinco imagens intermediárias	Últimas cinco imagens
Valor total das peças	R\$ 33 mil	R\$ 66 mil	R\$ 89 mil - fora valores referentes às peças Prada
Fidelidade histórica	20%	40%	20%
Fidelidade intermediária	40%	20%	20%
Deliberado afastamento	20%	20%	60%
Relação entre preço e autenticidade	Valor total menor: referência visível	Valor total intermediário: referência reduzida mas ainda presente	Valor total alto: referência dissolvida
Efeito cognitivo	Aceitar afastamento como legítimo	Normalizar reinvenção local	Dessensibilização total
Observações gerais	Os visuais que oferecem deliberado afastamento aparecem não de forma sequencial, mas distribuídos entre os de relativa fidelidade e de fidelidade intermediária. Dessa forma eles se mesclam e passam despercebidos		

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Esse padrão revela uma estratégia de mascaramento através da alternância visual (apêndice L), mas algo muito mais profundo opera simultaneamente. A progressão de preço combinada com a crescente proporção de afastamento mostra que o editorial não oculta o distanciamento da estética original, mas o intensifica progressivamente. Enquanto os valores crescem, a ideologia se esvanece.

A alternância entre as imagens não é aleatória, mas forma uma curva de habituação visual. O olhar se torna treinado a aceitar o afastamento como legítimo, porque foi intercalado com referências que oferecem certa medida de genuinidade. Quando se chega ao terceiro bloco de imagens — composto por 60% de deliberado afastamento — já houve uma dessensibilização quanto ao objeto original. A ruptura não é claramente processada, e é tida como continuidade.

Essa progressão não é acidental, mas visa criar a ilusão de que o editorial amadureceu o conceito do que é o *grunge*, quando na verdade, o esvaziou de sentido.

O primeiro bloco comunica que ainda existe *grunge*. O terceiro, que ele foi transcendido. Forma-se um arco narrativo de legitimação que funciona com o poder aquisitivo se convertendo em garantia de autenticidade. Quanto maior o valor das peças, menos *grunge* precisa parecer. O padrão de alternância é intencional, permitindo que o público encontre sua

própria versão de *grunge*, sem sentir que está falsificando o movimento. O luxo é o único elemento constante e crescente, sendo o verdadeiro protagonista da narrativa editorial.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, procurou-se compreender como o editorial “Grunge dos trópicos” constrói imaginários nostálgicos e como a memória e o desejo são articulados nessa construção. Ao investigarmos a relação entre nostalgia, memória e imaginário, bem como a compreensão da formação da identidade em uma modernidade líquida, pudemos evidenciar que o passado mobilizado não se configura como uma recuperação fiel, mas como uma elaboração mediada por estratégias discursivas do mercado.

A análise comparativa dos grupos de imagens revelou que, independentemente do grau de proximidade com a estética original (fidelidade histórica, fidelidade intermediária e deliberado afastamento), todos participam de um mesmo processo de esvaziamento semântico. Verificou-se que cada um dos grupos classificados para a análise semiológica constrói uma narrativa distinta de autenticidade e rebeldia, que convergem para a transformação de signos subculturais em signos consumíveis.

O primeiro grupo inicia o processo de reinvenção do *grunge*, trazendo-o à memória com signos que se associam superficialmente ao movimento, mas em uma roupagem contemporânea que desconsidera o valor anticonsumista da estética original. O segundo grupo assume, de forma mais clara, essa nova abordagem ao *grunge*, inserindo elementos que remetem à experimentação de um visual híbrido, que mistura a estética original a peças que remetem à brasilidade ou em modelagem que não são vistas no contexto original. Já o terceiro grupo cria uma estética que foge completamente do visual original, naturalizando a total substituição do movimento inicial em prol do consumo e da exclusividade de luxo.

Os signos visuais presentes no editorial atuam como produtores de sentidos que ultrapassam a mera representação estética de um passado, mobilizando novos valores e construindo novos mitos e ideologias ao redor do objeto retratado. Nesse processo, elementos originalmente vinculados a uma estética subcultural são esvaziados de sua ideologia e preenchidos com novos sistemas de valor, sobretudo aqueles associados ao consumo de luxo.

Conforme o afastamento da estética original aumenta, o valor total das peças presentes no grupo aumenta igualmente, evidenciando que a lógica comercial supera os valores ideológicos do movimento subcultural em questão. Para compreender como essa

transformação se consolida, é necessário examinar também os mecanismos semióticos aliados à estratégia de disposição temporal das imagens ao longo das páginas do editorial.

Mediante análise cronológica das imagens (por ordem de publicação e não mais por grupos de fidelidade), identificamos que as imagens de deliberado afastamento estão intercaladas com fidelidade histórica ou intermediária, construindo uma curva de habituação visual que treina o olhar para aceitar o afastamento como legítimo, visto que está entre referências que oferecem certa medida de genuinidade. Dessa forma, a ruptura entre o original e o ressignificado se apresenta como continuidade do objeto, e não como completa transformação.

Conclui-se então que a nostalgia mobilizada não busca de forma alguma restaurar o passado, e sim legitimar a sua reinvenção, operando ativamente como mediadora entre a memória coletiva e o desejo contemporâneo. O editorial oferece ainda ao consumidor a possibilidade de "ser *grunge*" sem comprometer-se com os valores originais do movimento. A rebeldia, originalmente associada a ideias anticonsumistas, é ressignificada como estética desejável, sendo associada diretamente a bens de alto valor e se transformando em um objeto de consumo de luxo. Dessa forma, o pertencimento proposto deixa de ser ideológico para se tornar puramente aspiracional.

Ao demonstrar como a nostalgia opera como mediadora entre desejo coletivo e reinvenção estética, este trabalho pretende contribuir para a compreensão da moda como um campo de produção simbólica que participa ativamente da construção de imaginários temporais. Evidencia-se ainda como a articulação entre nostalgia, identidade e semiologia permite compreender os processos de construção de sentido na mídia de moda contemporânea.

É fundamental reconhecermos as limitações da presente investigação. O estudo privilegiou a análise semiológica da construção de imaginário nostálgico, não expandindo para a investigação de como diferentes públicos recebem e reativam essas narrativas através de comentários, compartilhamentos ou curtidas em publicações em redes sociais. Essa pesquisa de recepção, aqui ausente, seria complementar à compreensão de como a nostalgia circula por meios digitais.

Compreender como a mídia de moda constrói imaginários idealizados é fundamental para desvendar os mecanismos pelos quais os sujeitos se reinventam em uma modernidade líquida. O editorial "Grunge dos trópicos" exemplifica como narrativas visuais são construídas a partir de desejos coletivos, oferecendo identidades pastichizadas a sujeitos fragmentados. Reconhecer esse processo de construção de identidades é o primeiro passo para

uma leitura crítica de como são constantemente convidados — através de operações semiológicas — a se reinventarem através do consumo de determinados estilos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BATCHO, Krystine Irene. **Nostalgia**: the bittersweet history of a psychological concept. History of Psychology, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/621693622/Batcho>. Acesso em: 10 de maio de 2026.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021a.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021b.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009b.

BLACKMAN, Cally. **100 anos de moda**. São Paulo: Publifolha, 2011.

BOYM, Svetlana. **The future of nostalgia**. New York: Basic Books, 2001.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Senac, 2006.

DAVIS, Fred. **Yearning for yesterday**: a sociology of nostalgia. New York: The Free Press, 1979.

FIGUEREDO, H. G.. **O grunge e a moda, uma brevíssima introdução**. Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. LI, pp. 125-155, 2025.

FISHER, Mark. **Ghosts of my life**: Writings on depression, hauntology and lost futures. John Hunt Publishing, 2014.

GRUNGE dos trópicos. Fotos por Nicole Heiniger; edição de moda por Zazá Pecego. **Vogue Brasil**, São Paulo, n. 560, p. 114–137, set. 2025. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/914904385/Revista-Vogue-Brasil-Set-25>. Acesso em: 10 de março de 2026.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

MEDEIROS, Theresa; TELLES, Rebeca; VIEIRA, Lucas. **Construções nostalgizantes**: os elementos nostálgicos presentes na narrativa visual de Euphoria (HBO, 2019). In: MUSSE, Christina Ferraz; MEDEIROS, Theresa; HENRIQUES, Rosali (org.). **Nostalgias e memórias**

no tempo das mídias. [S.l.: s.n.], 2019. p. 199-228.

NIEMEYER, Katharina. **Media and nostalgia:** Yearning for the past, present and future. Springer, 2014. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=7SKvAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 08 de março de 2026.

PIRES, M.; MOREIRA, B. R. **As relações entre moda e música observadas pelo viés do movimento grunge.** Revista Prâksis, a. 15, n. 2, pp. 214-230, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SVENDSEN, Lars. **Moda:** uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ETAPA 01 DA ANÁLISE SEMIOLÓGICA DO GRUPO 01

ETAPA 01 - Construção do Referencial e Leitura Denotativa-Conotativa			
Leitura Denotativa		Leitura Conotativa	
Composição Visual			
Qual é o enquadramento predominante?	Enquadramento em Plano Geral em 4 de 5 imagens, com 1 imagem em Plano Americano (joelho para cima); ângulo frontal em 2 de 5 imagens, e em 3 imagens é utilizado o ângulo contra-plongée (de baixo para cima, aumentando a imponência do sujeito).	Que valores este grupo comunica?	Rebeldia controlada e estilizada.
Como está a iluminação?	Grande parte em luz lateral (acentuando texturas e volume e criando sombras no lado oposto); luz natural com acréscimo de luz artificial, para maior controle da cena.		
Qual é o fundo?	Fundo contextualizado urbano (imediações da Líbero Badaró em SP) em 3 de 5 imagens. 2 imagens são em estúdio com fundo neutro levemente acinzentado.		
Qual é a posição/postura recorrente do modelo no grupo?	Pose de ação em 1 de 5 imagens. No restante das imagens são poses mais dramáticas, com ângulos acentuados, alongamento máximo do corpo e expressões mais intensas.		

Peças identificáveis			
Quais são as peças de roupas mais recorrentes neste grupo?	Em 2 de 5 imagens temos a parte superior mais ajustada, mesmo existindo sobreposição de peças essa região continua ajustada ao corpo; não há calças. São saias, ou botas longas que simulam uma calça; em uma das imagens há casacos xadrezes oversized; há também peças desfiadas de forma a simular desleixo mas ainda assim é bem organizada e planejada. Em todas as 5 imagens encontramos peças em xadrez. Esse grupo possui um ticket médio de peças girando em torno de 63 mil reais.	Qual tipo de nostalgia ele evoca?	Nostalgia Reflexiva ao <i>grunge</i> dos anos 90. É uma nostalgia visual, não ideológica.
Qual é a sobreposição de peças típica?	Camadas em ordem diferente da comum (corset por baixo do top) e mais de um top em uso; há também golas usadas como top.		
Quais são os acessórios recorrentes? E como se posicionam?	Meias longas e listradas; sapatos de salto alto, e botas altas em xadrez. Em duas das imagens há brincos grandes e dourados, e várias pulseiras em prata envelhecida cobrindo todo o antebraço e braceletes, as mãos estão repletas de anéis grandes e ousados.		
Variantes Visuais Específicas			
Forma (modelagens)	Silhuetas se intercalam entre ajustadas e largas com caimento mais estruturado/pesado (caem com peso, criando volumes e sem ficarem ajustados ao corpo). Há um padrão de trazer mais volume no tronco e reduzir o volume nas pernas (comparando em	Que tipo de pessoa ou atitude esta estética sugere?	Uma pessoa autêntica, segura e ousada

	relação ao tronco).		
Substância (os materiais são densos ou leves ? Ásperos ou lisos?)	Há presença de materiais mais densos, que trazem uma aparência de lã/flanela, mas não há descrição exata. As botas já são lisas e brilhosas, um brilho recorrente em produtos mais elásticos, beirando ao brilho vinílico; há também botas em couro macio.		
Cor (dessaturada ou vibrante? Monocromática ou policromática? Quais tons predominam?)	As cores são bem saturadas e com alto contraste; os tons de vermelho, azul e preto dominam a cena.		
Posição (como as peças se situam no corpo? Comprimentos, proporções, ajustes típicos?)	Há golas que são usadas como top, vestidos usados como saia, casacos como peças únicas. Na maioria das imagens do grupo o tronco ganha proporção maior em relação às pernas, e há um equilíbrio no visual quanto à ter algo justo para equilibrar o que se é mais largo, ao fazer esse jogo de proporções é gerada dramaticidade no conjunto de imagens.		
Cabelo, Maquiagem e Expressão Facial			
Qual é o estilo de cabelo predominante?	Rebelde de forma estruturada, há uma leve alusão à moicanos, mas tudo bem estático e sem movimento natural. São cabelos curtos e extremamente alinhados, mesmo sendo "rebeldes". Há intencionalidade e controle.	O que este grupo enfatiza? O que está ausente ou invisibilizado?	Enfatiza a presença/imponência visual através das vestimentas, mas invisibiliza a apatia e a desilusão da juventude <i>grunge</i> .
Como é o cabelo em relação ao referencial histórico?	Simula fidelidade pelo "ar de rebeldia", mas é um cabelo controlado por produtos que o imobilizam da forma exata em que foi modelado. Não há nenhum tipo de naturalidade. Parece rebelde e talvez desleixado, mas é claramente bem trabalhado. O <i>grunge</i>		

	original possuía cabelos mais despenteados e soltos.		
Qual é o tipo de maquiagem?	Pele impecável, sobrancelhas apagadas, lábios marcados por batons escuros. Alto contraste entre boca e restante do rosto.		
Como a maquiagem se compara ao período retratado?	É uma maquiagem muito bem calculada e delineada comparada à da do período retratado, em que se encontrava sim, lábios mais marcados, mas não era o mais presente.		
Qual é a expressão facial predominante?	Desafiadora e de poder. Olhares diretos para câmera, com expressões sérias e de certa forma, desafiadoras.		
Essas expressões comunicam qual atitude?	Controle, poder, confiança.		

APÊNDICE B - ETAPA 02 DA ANÁLISE SEMIOLÓGICA DO GRUPO 01

ETAPA 02 - Código Retórico e Operações de Naturalização Mitológica			
Organização do sistema de signos		Operações de naturalização mitológica	
		Esvaziamento e preenchimento de significado	
Como este grupo se posiciona enquanto sistema? (os elementos trabalham juntos ou em conflito?)	Os elementos trabalham juntos para formar uma única ideia/narrativa de <i>grunge</i> .	Qual significado original o grupo tira de seus elementos?	As sobreposições deixam de ser "desleixo" ou "desconstrução", e o xadrez tartan, na época, era associado ao descaso com a aparência.
		Com qual significado novo ela o preenche?	As sobreposições inusitadas passam a ser algo mais ousado e autêntico, já o xadrez tartan se torna sofisticação subcultural.
		Isso acontece de forma natural ou forçada?	No editorial acontece de forma natural, mas comparando diretamente com o período analisado seria forçada. Resumidamente: ela é forçada, mas mascarada como natural.
		Tautologia nostálgica	
Existe hierarquia entre os signos? (algum elemento domina a leitura do grupo)	O uso de xadrez e sobreposições inusitadas dominam o grupo. é o vestuário que domina a leitura do grupo, sem ele não haveria nenhuma associação (mesmo que distorcida) ao <i>grunge</i> .	O grupo se justifica por si mesmo?	Sim, existe uma coerência visual independentemente de retratar fielmente ou não. Se justifica, no máximo, por ter xadrez e cores recorrentes no antigo visual <i>grunge</i> .
		Há argumentação visual ou apenas apresentação?	Apenas argumentação visual, sem nenhuma explicação verbal. Há apenas informação de onde são as peças e quanto custam.

		O passado é invocado sem questionar suas estruturas?	Sim, há apenas uma visualidade que é desconectada de seu significado original.
		Quantificação da qualidade	
A roupa é apresentada como um sistema integrado (onde cada elemento depende dos outros) ou como peças isoladas/combinadas aleatoriamente?	Se as peças forem utilizadas isoladamente elas perdem o sentido de <i>grunge</i> proposto; são combinadas de forma intencional para remeterem à ideia do <i>grunge</i> .	Uma atitude ou postura ideológica vira mensurável neste grupo?	Sim, a autenticidade vira marca, e a rebeldia vira preço.
		Como a "rebeldia", "autenticidade" ou "desinteresse" se torna consumível?	A própria rebeldia se torna o produto. Se você adquire as peças presentes no editorial você se torna rebelde e autêntico. O que não é colocado em pauta é que se pode comprar a "rebeldia", mas ela estaria vazia de sentido. Tem a imagem rebelde, mas não o conteúdo rebelde. É como uma sombra do que um dia já se foi.
		Identificação (pertencimento ilusório)	
Como cabelo, maquiagem e expressão dialogam com as peças de roupa?	Elas reforçam uma ideia de <i>grunge</i> controlado/remolado para a contemporaneidade de	A quem este grupo oferece pertencimento?	Àquele que possuir dois tipos de capital: financeiro e cultural, o primeiro sendo o mais importante, e o segundo servindo para compreender de onde aquele visual surgiu e o que representa.
		É um pertencimento real ou apenas estético/aspiracional?	Apenas estético, não há mais os mesmos valores e ideais que compunham o movimento <i>grunge</i>

		O que você precisa ter/fazer/parecer para "entrar" neste grupo?	Pelas legendas das imagens: dinheiro. Todas as roupas são de marcas conceituadas, nada é originário de um brechó ou algo similar. Para além disso, podemos notar também que é necessário ser jovem, ousado, e seguro de si. Para reproduzir o visual sem necessariamente adquirir essas exatas peças, você pode entrar nesse grupo utilizando xadrez tartan, botas altas, criar sobreposições com peças incomuns para esse uso, utilizar vermelho e azul em tons mais profundos (juntamente com o preto), usar penteados controlados mas ainda rebeldes, e maquiagem com boca marcada.
--	--	--	--

APÊNDICE C - ETAPA 03 DA ANÁLISE SEMIOLÓGICA DO GRUPO 01

ETAPA 03 - Síntese Interpretativa e Estatuto de Nostalgia	
Síntese	
Códigos Mobilizados	
Quais são os 3-4 códigos principais que este grupo ativa?	Autenticidade subcultural; rebeldia; “anti-moda” (no sentido de moda de massa).
Esses códigos aparecem também em outros grupos?	Sim, mas em diferentes intensidades.
Valores e Identidades Propostos	
Quais valores são elevados neste grupo?	Rebeldia sofisticada; “anti-moda” (no sentido de moda de massa).
Quais valores são invisibilizados ou criticados?	Rejeição ao consumo; apatia; angústia; questionamentos existenciais; e desencantamento são invisibilizados.
Como cabelo, maquiagem e expressão reforçam ou questionam esses valores?	Os cabelos são em penteados fora do comum (remetendo ao punk, precursor do <i>grunge</i>), reforçando o visual rebelde e despojado do <i>grunge</i> , mas surge no editorial de forma controlada e rígida. As expressões e poses fogem de apatia e desencantamento, transmitindo mais força e poder do que realmente era sentido na época retratada.

Estatuto de Nostalgia	
A nostalgia é restauradora ou reflexiva?	Reflexiva, visto que há distanciamento da realidade da época retratada.
Este grupo funciona como prova de que o passado pode voltar, ou como confissão de que não volta?	Confissão de que não volta exatamente como era, mas ainda pode voltar sob novas máscaras.
Como a ideologia se revela (ou se esconde) nessa operação nostálgica?	A ideologia que um dia habitou o grunge encontra-se obscurecida, uma vez que seu sentido é esvaziado nesta nova representação, reduzindo-se a uma mera moda cíclica. O visual retorna; o sentido original, não.
Síntese Final	
Qual é o trabalho ideológico que este grupo executa?	Transforma um movimento que rejeitava o consumo exacerbado em puro consumo, o transforma, inclusive, em um próprio objeto de consumo luxuoso. Se forja a ideia de que você pode comprar seu pertencimento à determinada subcultura e dessa forma, ser autêntico.
O que ele faz parecer eterno quando é, na verdade, histórico?	A rebeldia é revisitada para ressurgir com “ares de eterna”, mas na verdade ela é remodelada de acordo com o tempo em que é reinserida, e nessa reinserção, seu sentido é modificado de acordo com o novo período histórico.
Como articula a memória coletiva (o que éramos) com o desejo contemporâneo (o que queremos ser)?	Ela une a desilusão e desencantamento juvenil dos anos 90 com a desilusão contemporânea, os motivos são similares (falta de visão de um futuro, tensão político econômica). Com essa falta de visão de futuro olhamos para trás de forma distorcida, para termos uma visão de futuro possível (mesmo que, também, distorcido).

Como essa articulação se diferencia entre os três grupos?	O grupo 01 parte do entendimento de que não existe retorno possível, então faz uma reinvenção mais discreta do período. Grupo 02 já trabalha essa reinvenção de forma mais ativa, incorporando elementos locais e deixando implícito que esse <i>grunge</i> não corresponde ao dos anos 90, e o grupo 03 rompe com a lógica de referência, apaga a resistência subcultural e substitui por uma estética de luxo. Há um movimento de ressignificação em que a rebeldia e a rejeição ao consumo são convertidas em objeto de consumo de luxo (um certo paradoxo aqui).
--	---

APÊNDICE D - ETAPA 01 DA ANÁLISE SEMIOLÓGICA DO GRUPO 02

ETAPA 01 - Construção do Referencial e Leitura Denotativa-Conotativa			
Leitura Denotativa		Leitura Conotativa	
Composição Visual			
Qual é o enquadramento predominante?	Plano americano (dos joelhos para cima) com angulação contra-plongée. Apesar do enquadramento ser em plano americano, o contexto urbano está em maior evidência que no grupo anterior.	Que valores este grupo comunica?	Autenticidade, desafio, movimento.
Como está a iluminação?	Luz natural com auxílio de artificial para reforçar o contraste. Maioria das fotos com luz lateral (que cria maior dramaticidade)		
Qual é o fundo?	Fundo contextualizado urbano (imediações da Libero Badaró em SP).		
Qual é a posição/postura recorrente do modelo no grupo?	Todas em pose de ação, simulando movimento, que normalmente traz mais leveza e dinamismo à fotografia.		
Peças identificáveis			
Quais são as peças de roupas mais recorrentes neste grupo?	Encontramos xadrez em todas as imagens, e aspectos desconstrutivistas, com volumes inusitados (sempre que queremos transmitir poder, exageramos no volume para parecermos maiores, mais fortes, ameaçadores e poderosos - assim como é no reino animal). Novamente não há calças, mas botas longas o suficiente para parecerem com calças. Há predominância de saias e mais pele à mostra que no grupo 01. Esse grupo possui um ticket médio de peças girando em torno de 29 mil reais.	Qual tipo de nostalgia ele evoca?	Nostalgia Reflexiva dos anos 90.

Qual é a sobreposição de peças típica?	Por baixo das saias há alguns tecidos presos por uma ponta (descem livres a partir dessa ponta), mas não há indicação do que seja de fato. A única sobreposição explícita é a de uma calcinha usada como gola, e de uma gola usada como cinto por cima da roupa.		
Quais são os acessórios recorrentes? E como se posicionam?	Há plumas sobre um gorro, brincos grandes e botas longas e com salto. Nesse grupo há menor presença de acessórios comparado ao grupo 01.		
Variantes Visuais Específicas			
Forma (modelagens)	Largas e com muitos recortes expondo o corpo. Os volumes são mais exagerados e com mais movimento.	Que tipo de pessoa ou atitude esta estética sugere?	Uma pessoa segura, dinâmica, desafiadora e ousada.
Substância (os materiais são densos ou leves? Ásperos ou lisos?)	Os materiais ficam mais leves mas continuam estruturados (há um contraste entre as texturas e caimentos, que são leves, mas rígidos). Um dos tops é bem pesado, se assemelhando à uma peça feita de grandes sementes.		
Cor (dessaturada ou vibrante? Monocromática ou policromática? Quais tons predominam?)	Ainda há tons de vermelho e azul, mas perdem sua intensidade, se tornando mais suaves e se aproximando de uma monocromia. Tons beges, amarelos e marrons ocupam a maior proporção da imagem.		
Posição (como as peças se situam no corpo? Comprimentos, proporções, ajustes típicos?)	O tronco deixa de ser a maior proporção, as saias ganham maior amplitude e mais recortes.		
Cabelo, Maquiagem e Expressão Facial			
Qual é o estilo de cabelo predominante?	Cabelos bem curtos e grudados à cabeça de forma bem alinhada, mas não estão tão em evidência como no grupo anterior.	O que este grupo enfatiza? O que está ausente ou invisibilizado?	Há muito mais força do que apatia e desilusão. Há também experimentação, há peças que nem sequer fazem parte do contexto estadunidense (caminhando para
Como é o cabelo em relação ao referencial histórico?	Se torna distante do referencial histórico, que era natural, com frizz e um visual desinteressado.		

Qual é o tipo de maquiagem?	Os olhos ganham um pouco mais de destaque quando comparados ao grupo 01 (há uma sombra um pouco mais intensa mas ainda há ausência de sobrancelhas). Ainda é uma maquiagem muito bem elaborada e que dá destaque aos lábios.		um lado tropical), como o top em sementes. Por ter a presença dessa peça podemos ver novas experimentações dentro de uma estética que um dia foi consolidada de outra maneira.
Como a maquiagem se compara ao período retratado?	Se aproxima, mas de uma forma muito "limpa" e delineada. A maquiagem no editorial está seguindo uma linha de ser complementar, e não o foco.		
Qual é a expressão facial predominante?	Desafiadora (queixo levantado, olhar direto) e séria (olhar sério para o lado).		
Essas expressões comunicam qual atitude?	Poder e força.		

APÊNDICE E - ETAPA 02 DA ANÁLISE SEMIOLÓGICA DO GRUPO 02

ETAPA 02 - Código Retórico e Operações de Naturalização Mitológica			
Organização do sistema de signos		Operações de naturalização mitológica	
		Esvaziamento e preenchimento de significado	
Como este grupo se posiciona enquanto sistema? (os elementos trabalham juntos ou em conflito?)	Trabalham juntos. De forma isolada não conseguiriam trazer a mesma mensagem que conseguem trazer quando estão juntos. O mais interessante é que conseguem, juntos, formar um diálogo rico em contrastes harmônicos, há tecidos estruturados juntamente com leves, rigidez com movimento. É como se esse sistema visual questionasse a si mesmo, mas estivesse em paz com isso.	Qual significado original o grupo tira de seus elementos?	A rejeição aos padrões de moda convencionais deixa de ser uma rebeldia e se torna autenticidade e poder.
		Com qual significado novo ela o preenche?	Autenticidade e poder.
		Isso acontece de forma natural ou forçada?	No editorial acontece de forma natural, mas comparando diretamente com o período analisado seria forçado e fora daquela realidade. Nesse grupo a percepção de que o <i>grunge</i> está deliberadamente modificado é mais clara, menos velada. O <i>grunge</i> se torna um processo de experimentação para algo diferente.
		Tautologia nostálgica	
Existe hierarquia entre os signos? (algum elemento domina a leitura do grupo)	O elemento que domina é "oculto", há sim presença de determinadas cores, materiais e poses, mas o movimento das modelos e das peças é o que mais reforça uma imagem dinâmica, segura e desafiadora. É o movimento corporal que ativa todo o restante.	O grupo se justifica por si mesmo?	Parcialmente, sim. Existe uma coerência visual independentemente de retratar fielmente ou não e de haver contradições dentro do próprio grupo ou não. A coerência vem de uma abertura à experimentação, mas essa mesma experimentação faz surgir o questionamento quanto à “tinha isso ou aquilo no <i>grunge</i> ?”

	Representa alguém pronto para o que há de vir.	Há argumentação visual ou apenas apresentação?	Há argumentação visual, mas sem nenhuma explicação verbal, ela é completamente implícita. O princípio de desconstrução do visual original (principalmente com peças que não existiam naquele momento, com novos recortes e novas proporções), levanta o questionamento sobre esse visual ser ou não <i>grunge</i> . A única informação escrita exposta é a de onde são as peças e quanto custam.
		O passado é invocado sem questionar suas estruturas?	Parcialmente, sim. O grupo de imagens ainda visa remeter ao <i>grunge</i> , mas abre espaço para questionamentos, visto que possui algumas desconexões mais claras quanto ao <i>grunge</i> original.
		Quantificação da qualidade	
A roupa é apresentada como um sistema integrado (onde cada elemento depende dos outros) ou como peças isoladas/combinadas aleatoriamente?	É um sistema muito bem integrado de forma intencional, que se contradiz quanto à texturas e caimentos, mas que funciona muito bem.	Uma atitude ou postura ideológica vira mensurável neste grupo?	A rejeição de determinados padrões estéticos se torna um "cool factor".
		Como a "rebeldia", "autenticidade" ou "desinteresse" se torna consumível?	A autenticidade vira experimentação deliberada.
		Identificação (pertencimento ilusório)	
Como cabelo, maquiagem e expressão dialogam com as peças de roupa?	Reforçam uma ideia de poder (controle sobre algo ou alguém), e de desafio (principalmente quanto ao olhar), mas continuam sendo apenas complementos, e	A quem este grupo oferece pertencimento?	Mantém-se pertencente àqueles que possuem capital financeiro e cultural, mas estende-se àqueles dispostos à experimentar novas formas de se criar estéticas passadas.

	não o foco.		É um pertencimento real ou apenas estético/aspiracional?	Estético. Quem quer pertencer à esse grupo, quer pertencer ao grupo remodelado. O quer como forma de experimentação, e não como desejo de pertencer à um grupo específico com valores e ideais específicos, quer somente a aparência, não o conteúdo.
			O que você precisa ter/fazer/parecer para "entrar" neste grupo?	Dinheiro, poder, atitude desafiadora e desejo de experimentação.

APÊNDICE F - ETAPA 03 DA ANÁLISE SEMIOLÓGICA DO GRUPO 02

ETAPA 03 - Síntese Interpretativa e Estatuto de Nostalgia	
Síntese	
Códigos Mobilizados	
Quais são os 3-4 códigos principais que este grupo ativa?	“anti-moda” (no sentido de moda de massa), individualidade e autenticidade.
Esses códigos aparecem também em outros grupos?	Sim.
Valores e Identidades Propostos	
Quais valores são elevados neste grupo?	Experimentação, autenticidade, força e poder.
Quais valores são invisibilizados ou criticados?	Rejeição ao consumo, apatia, angústia e questionamentos existenciais são invisibilizados.
Como cabelo, maquiagem e expressão reforçam ou questionam esses valores?	As expressões e poses fogem de apatia e desencantamento, transmitindo mais força e poder do que realmente era sentido na época retratada.

Estatuto de Nostalgia	
A nostalgia é restauradora ou reflexiva?	Reflexiva, visto que há distanciamento da realidade da época retratada.
Este grupo funciona como prova de que o passado pode voltar, ou como confissão de que não volta?	Confissão de que não volta exatamente como era, mas pode voltar sob novas máscaras e novos valores. A "casca" é semelhante, mas o conteúdo é completamente diferente. Igual quando se confunde sal com açúcar refinado.
Como a ideologia se revela (ou se esconde) nessa operação nostálgica?	A ideologia original do <i>grunge</i> é esvaziada, e uma nova ideologia se revela parcialmente. O grupo, sem explicitar o que faz, transforma o que um dia foi o <i>grunge</i> . Tanto visualmente quanto ideologicamente. O <i>grunge</i> passa a ser um movimento experimental de autenticidade e um signo de força e poder.
Síntese Final	
Qual é o trabalho ideológico que este grupo executa?	Reforçar uma ideia de autenticidade e força, possivelmente de ruptura, mas sem uma verdadeira rebeldia. A rejeição ao consumo se torna experimentação de luxo.
O que ele faz parecer eterno quando é, na verdade, histórico?	Uma autenticidade subcultural.
Como articula memória coletiva (o que éramos) com desejo contemporâneo (o que queremos ser)?	Normalmente temos uma visão generalista de que os jovens <i>grunge</i> dos anos 90 rejeitavam o consumismo e não se importavam com a aparência (não está errado, mas há mais características e mais motivos para tais características neste grupo), e temos o desejo de sermos diferentes e autênticos através da moda (desejos comuns e generalistas na nossa sociedade). Dessa forma o editorial articula um passado tido como autêntico, e o reinventa, dando uma roupagem mais contemporânea. Em contrapartida, esvazia o significado original da estética <i>grunge</i> . Além disso, quando o editorial usa a impossibilidade de retornar à determinado passado como uma oportunidade de recriação, ele fabrica instantaneamente um produto novo, com a sensação de familiar. Ele também faz da nostalgia reflexiva uma oportunidade de oferecer "inovação", mesmo que não seja realmente inovador.

Como essa articulação se diferencia entre os três grupos?	O grupo 01 parte do entendimento de que não existe retorno possível, então faz uma reinvenção mais discreta do período. Grupo 02 já trabalha essa reinvenção de forma mais ativa, incorporando elementos locais e deixando implícito que esse <i>grunge</i> não corresponde ao dos anos 90, e o grupo 03 rompe com a lógica de referência, apaga a resistência subcultural e substitui por uma estética de luxo. Há um movimento de ressignificação em que a rebeldia e a rejeição ao consumo são convertidas em objeto de consumo de luxo (um certo paradoxo aqui)."
--	--

APÊNDICE G - ETAPA 01 DA ANÁLISE SEMIOLÓGICA DO GRUPO 03

ETAPA 01 - Construção do Referencial e Leitura Denotativa-Conotativa			
Leitura Denotativa		Leitura Conotativa	
Composição Visual			
Qual é o enquadramento predominante?	Plano geral e plano americano com angulação frontal e contra-plongée.	Que valores este grupo comunica?	Conformidade com novos significados que são embutidos em uma releitura visual.
Como está a iluminação?	Iluminação natural com reforço de artificial lateral, criando maior contraste e dramaticidade.		
Qual é o fundo?	Contextualizado mas menos amplo e nítido que nos grupos 1 e 2. Possui menos quantidade de elementos ao fundo e uma das fotos é em estúdio, com fundo acinzentado. Apesar de possuir menos elementos ao fundo, eles agem como elementos de design e aparecem não apenas como mera visualidade, mas oferecem funcionalidade. Com exceção da imagem em estúdio, em todas as imagens as modelos interagem com esses elementos, se apoiando ou debruçando sobre eles.		
Qual é a posição/postura recorrente do modelo no grupo?	Há diversidade maior de posições no grupo, mas a maioria está em pose clássica, de pé, viradas para frente e encostadas em algum objeto/parede. São poses para trazer uma ideia de descontração e relaxamento.		

Peças identificáveis			
Quais são as peças de roupas mais recorrentes neste grupo?	Encontramos estampas diferentes do xadrez tartan (que aqui está completamente ausente, o que indica que o editorial intencionalmente deixou para trás a referência de <i>grunge</i>), como floral (possivelmente fazendo alusão à um tipo de tropicalismo), há renda floral, maior presença de texturas (visual emborrachado, moletom e tricot). Finalmente aparece uma calça, mas totalmente estampada pelo logo da Gucci. Esse é o grupo de maior ticket médio, extrapolando os 90 mil reais em peças, e temos 3 marcas de altíssimo luxo nesse grupo: Prada, Dolce e Gabbana e Gucci.	Qual tipo de nostalgia ele evoca?	No caso desse grupo, há um distanciamento tão grande ao que ele se propõe representar que a nostalgia em si, se perde. O pluralismo estético impede uma associação direta ao <i>grunge</i> à ponto de se gerar uma nostalgia.
Qual é a sobreposição de peças típica?	De seis imagens apenas uma possui uma sobreposição (discreta), de um vestido sobre uma saia. Quanto à sobreposições, podemos dizer que esse grupo opera de forma minimalista.		
Quais são os acessórios recorrentes? E como se posicionam?	Há brincos e um escapulário da D&G. Esse grupo é o que tem menos acessórios.		
Variantes Visuais Específicas			
Forma (modelagens)	As silhuetas são equilibradas. Optou-se por ter tanto oversized quanto peças mais ajustadas, mas os volumes são menos dramáticos que os vistos no grupo 02. A proporção se torna mais “clássica” e menos experimental.	Que tipo de pessoa ou atitude esta estética sugere?	Uma pessoa rendida à ponto de não se importar com se assemelhar ou não à uma determinada estética. Alguém que não precisa ser legitimado por um grupo.
Substância (os materiais são densos ou leves ? Ásperos ou lisos?)	Temos alguns materiais mais "pesados", mas que trazem a sensação de aconchego (como moletom e tricot), e outros materiais mais leves que não são identificados. Há tanto texturas lisas, quanto rugosas. A materialidade nesse grupo é mais sobre uma busca por qualidade sem esforço, e para		

	isso, recorre-se à marcas de alto luxo, as colocando inclusive de forma explícita ao expor seus monogramas.		
Cor (dessaturada ou vibrante? Monocromática ou policromática? Quais tons predominam?)	Há diferentes pontos de saturação, mas o preto predomina.		
Posição (como as peças se situam no corpo? Comprimentos, proporções, ajustes típicos?)	O tronco se manteve menor em relação às pernas. As cinturas ganharam mais destaque, mesmo quando em peças mais largas. Todas as peças de baixo são mais longas. São proporções tidas como "clássicas", lembrando inclusive à alta moda.		
Cabelo, Maquiagem e Expressão Facial			
Qual é o estilo de cabelo predominante?	O cabelo está oculto ou semelhante aos grupos 01 e 02 (penteados que remetem ao punk, mas extremamente controlados).	O que este grupo enfatiza? O que está ausente ou invisibilizado?	Enfatiza o distanciamento da estética <i>grunge</i> e enfatiza o luxo como objeto de desejo. Está ausente os valores de resistência ideológica, a rebeldia, e inclusive o valor de rejeição à elegância convencional, visto que são os visuais mais "comuns" e possivelmente mais passíveis de se encontrar no cotidiano, mesmo que de luxo.
Como é o cabelo em relação ao referencial histórico?	Faz alusão de uma forma ainda distante, ao aludir ao punk o <i>grunge</i> é indiretamente referenciado.		
Qual é o tipo de maquiagem?	Mantém-se lábios bem marcados, sobrancelhas apagadas e olhos levemente marcados.		
Como a maquiagem se compara ao período retratado?	Se aproxima, mas de uma forma muito "limpa" e delineada. É mais característica de editoriais de moda diversos, do que do movimento <i>grunge</i> .		
Qual é a expressão facial predominante?	Temos expressões mais neutras e desapegadas neste grupo.		
Essas expressões comunicam qual atitude?	Falta de emoção, distanciamento.		

APÊNDICE H - ETAPA 02 DA ANÁLISE SEMIOLÓGICA DO GRUPO 03

ETAPA 02 - Código Retórico e Operações de Naturalização Mitológica			
Organização do sistema de signos		Operações de naturalização mitológica	
		Esvaziamento e preenchimento de significado	
Como este grupo se posiciona enquanto sistema? (os elementos trabalham juntos ou em conflito?)	Os elementos trabalham juntos para formar uma nova ideia sobre o que é <i>grunge</i> .	Qual significado original o grupo tira de seus elementos?	O que antes era contestação coletiva contra a superficialidade consumista, se torna consumo e exposição de grandes marcas de luxo, com itens que chegam à 24 mil reais. Aqui o <i>grunge</i> é completamente, e inegavelmente, apagado de sua significação.
		Com qual significado novo ela o preenche?	Ser autêntico é consumir alta moda, além de que a inacessibilidade torna a moda mais interessante.
		Isso acontece de forma natural ou forçada?	Forçada quando comparada ao movimento original, que rejeitava esses preceitos. Mas completamente natural dentro do editorial construído.
		Tautologia nostálgica	
Existe hierarquia entre os signos? (algum elemento domina a leitura do grupo)	O luxo domina o grupo.	O grupo se justifica por si mesmo?	O grupo impõe que é <i>grunge</i> , mas visualmente ele não se justifica como sendo. Não há apelo ao <i>grunge</i> , e nenhum tipo de validação quanto às escolhas estéticas serem ou não do movimento subcultural. Para o grupo ele está correto, mas essa é uma visão completamente falha quando se atenta ao mínimo, que é o nome do editorial: “Grunge dos Trópicos”. Não há <i>grunge</i> , e nem trópicos.
		Há argumentação visual ou apenas apresentação?	Apenas apresentação, sem nenhuma explicação verbal. Há apenas informação de onde são as peças e quanto custam.

		O passado é invocado sem questionar suas estruturas?	Nesse caso, o passado não é sequer invocado apropriadamente.
		Quantificação da qualidade	
A roupa é apresentada como um sistema integrado (onde cada elemento depende dos outros) ou como peças isoladas/combinadas aleatoriamente?	Se as peças forem utilizadas isoladamente elas perdem completamente qualquer indício de visual <i>grunge</i> (mesmo que juntas continue tendo um indício muito escasso), são combinadas de forma intencional para remeterem à uma nova ideia de <i>grunge</i> , que indica um visual mais minimalista e clássico comparado ao original.	Uma atitude ou postura ideológica vira mensurável neste grupo?	A rejeição de determinados padrões estéticos se torna um "cool factor", a autenticidade vira preço e o "cool factor" se torna marcas de luxo.
		Como a "rebeldia", "autenticidade" ou "desinteresse" se torna consumível?	A rebeldia e o desinteresse são amenizados, para serem melhor absorvidos pelo público de luxo.
		Identificação (pertencimento ilusório)	
Como cabelo, maquiagem e expressão dialogam com as peças de roupa?	Na maior parte das imagens do grupo os cabelos estão pelo menos parcialmente ocultos, enquanto a maquiagem se mantém com enfoque nos lábios. A maquiagem traz um pouco mais a ideia de rebeldia, mas é inegável que já não se tem mais a mesma força que possuía nos grupos 01 e 02.	A quem este grupo oferece pertencimento?	Elite.
		É um pertencimento real ou apenas estético/aspiracional?	Apenas estético.
		O que você precisa ter/fazer/parecer para "entrar" neste grupo?	Recursos financeiros; fazer parte do círculo social que consome marcas de luxo e performar desinteresse.

APÊNDICE I - ETAPA 03 DA ANÁLISE SEMIOLÓGICA DO GRUPO 03

ETAPA 03 - Síntese Interpretativa e Estatuto de Nostalgia	
Síntese	
Códigos Mobilizados	
Quais são os 3-4 códigos principais que este grupo ativa?	Elitização do subcultural, amenização da rebeldia e conformismo
Esses códigos aparecem também em outros grupos?	Não de forma tão intensa.
Valores e Identidades Propostos	
Quais valores são elevados neste grupo?	Sofisticação, conformismo, rendimento.
Quais valores são invisibilizados ou criticados?	Rejeição ao consumo, acessibilidade material, apatia, angústia e questionamentos existenciais são invisibilizados.
Como cabelo, maquiagem e expressão reforçam ou questionam esses valores?	Não reforçam, e nem questionam.

Estatuto de Nostalgia	
A nostalgia é restauradora ou reflexiva?	A nostalgia mal está presente neste grupo.
Este grupo funciona como prova de que o passado pode voltar, ou como confissão de que não volta?	Confissão de que não volta, a ponto de parecer nem sequer ter existido.
Como a ideologia se revela (ou se esconde) nessa operação nostálgica?	A ideologia do <i>grunge</i> é completamente ausente e o luxo ocupa o seu lugar.
Síntese Final	
Qual é o trabalho ideológico que este grupo executa?	Silenciar valores ligados ao <i>grunge</i> e conformá-lo à uma elitização
O que ele faz parecer eterno quando é, na verdade, histórico?	A substituição do subcultural pelo luxo com aparência de subcultura.
Como articula memória coletiva (o que éramos) com desejo contemporâneo (o que queremos ser)?	Na verdade, articula falhas de memória com desejo contemporâneo de luxo.
Como essa articulação se diferencia entre os três grupos?	O grupo 01 parte do entendimento de que não existe retorno possível, então faz uma reinvenção mais discreta do período. Grupo 02 já trabalha essa reinvenção de forma mais ativa, incorporando elementos locais e deixando implícito que esse <i>grunge</i> não corresponde ao dos anos 90, e o grupo 03 rompe com a lógica de referência, apaga a resistência subcultural e substitui por uma estética de luxo. Há um movimento de resignificação em que a rebeldia e a rejeição ao consumo são convertidas em objeto de consumo de luxo (um certo paradoxo aqui)."

APÊNDICE J - QUADRO COMPARATIVO DOS GRUPOS 01, 02 E 03

Comparativo entre grupos			
Parâmetro	Grupo 01	Grupo 02	Grupo 03
Postura perante o <i>grunge</i>	Confessa reinvenção; reconhece impossibilidade de retorno	Ressignifica sob chave experimental; injeta tropicalidade	Nega completamente; silencia referência
Cor	Saturada, policromática (vermelho, azul, preto)	Dessaturada (bege, amarelo, marrom)	Minimalista com estampas florais
Signos que se destacam	Xadrez tartan	Xadrez + elementos tropicais (semelhantes a sementes)	Ausência de tartan; marcas de alto luxo
Valor total das peças	R\$ 63 mil	R\$ 29 mil	R\$ 97 mil - fora valores referentes às peças Prada
Tipo de marca utilizada (peças)	Luxo	Luxo	Altíssimo luxo
Composição visual	Plano geral; ênfase tronco; dramaticidade	Plano americano; ação; dinamismo	Plano geral equilibrado; interação com ambiente
Experimentação com o vestir	Similar às características do <i>grunge</i> original	Mais ousada que o <i>grunge</i> original	Contida; aproxima-se de silhuetas mais clássicas
Acessórios	Elaborados	Menor presença de acessórios quando comparado ao grupo 01	Mínimos
Narrativa de autenticidade	Ser autêntica é usar grandes marcas	Experimentação de luxo é ser autêntico	Autenticidade é consumo de alto luxo
Ideologia construída	Você pode comprar seu pertencimento à subculturas	Rebeldia é experimentação	Se há luxo, não precisa ser subcultural
O que é ofertado	Imagem rebelde sem conteúdo histórico	Desafio estético e memória adaptada	Desinteresse performático; puro luxo

**APÊNDICE K - QUADRO DE ANÁLISE DO EDITORIAL POR ORDEM DE
PUBLICAÇÃO**

Brevíssima análise semiológica por ordem de publicação			
Parâmetro	Primeiras cinco imagens	Cinco imagens intermediárias	Últimas cinco imagens
Valor total das peças	R\$ 33 mil	R\$ 66 mil	R\$ 89 mil - fora valores referentes às peças Prada
Fidelidade histórica	20%	40%	20%
Fidelidade intermediária	40%	20%	20%
Deliberado afastamento	20%	20%	60%
Relação entre preço e autenticidade	Valor total menor: referência visível	Valor total intermediário: referência reduzida mas ainda presente	Valor total alto: referência dissolvida
Efeito cognitivo	Aceitar afastamento como legítimo	Normalizar reinvenção local	Dessensibilização total
Observações gerais	Os visuais que oferecem deliberado afastamento aparecem não de forma sequencial, mas distribuídos entre os de relativa fidelidade e de fidelidade intermediária. Dessa forma eles se mesclam e passam despercebidos		

**APÊNDICE L - QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO DE IMAGENS DO EDITORIAL
POR ORDEM DE PUBLICAÇÃO**

Classificação de fidelidade das imagens mediante ordem de publicação			
Parâmetro	Fidelidade histórica	Fidelidade intermediária	Deliberado afastamento
Imagem 1	Presente		
Imagem 2			Presente
Imagem 3			Presente
Imagem 4		Presente	
Imagem 5		Presente	
Imagem 6	Presente		
Imagem 7		Presente	
Imagem 8			Presente
Imagem 9			Presente
Imagem 10	Presente		
Imagem 11			Presente
Imagem 12			Presente
Imagem 13	Presente		
Imagem 14		Presente	
Imagem 15	Presente		
TOTAL	5 imagens	4 imagens	6 imagens